A GUERRA DA UCRÂNIA EM 2023

*Por Swiss Policy Research**

Linha de frente na região de Donetsk, Ucrânia, no sábado 18 de fevereiro (Libkos/Associated Press).

Uma análise objetiva (e extensiva) dos recentes desenvolvimentos e "engodos" da guerra na Ucrânia.

DESENVOLVIMENTOS MILITARES

Quase um ano após o início da invasão russa da Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia ainda não alcançou nenhum de seus objetivos militares ou políticos declarados neste conflito.

O "blefe" russo inicial de abrir várias frentes e avançar em direção a Kiev falhou, pois o governo ucraniano, apoiado pela OTAN, não entrou em colapso ou capitulou. As negociações políticas na primavera de 2022 pararam ou foram bloqueadas pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos.

A estratégia da Rússia de uma "Operação Militar Especial" limitada, que contava apenas com forças militares profissionais em tempos de paz, sem quaisquer forças de reserva ou conscritos, também não teve sucesso: isso já estava claro no início do verão de 2022, quando as forças russas não podiam cercar as forças ucranianas no Donbass, e ficou óbvio quando a Rússia teve que evacuar a área norte de Kharkov em setembro e a cidade de Kherson, no sul, em novembro, apenas algumas semanas depois de realizar um referendo para incorporar Kherson e três outras regiões ucranianas à Rússia.

A Ucrânia defendeu ferozmente todo e qualquer território e fez pleno uso de suas posições bem fortificadas, a superioridade numérica de suas tropas (700 mil

contra 200 mil), avançados sistemas de armas ocidentais (incluindo poderosos mísseis antitanque e antiaéreos e artilharia longa de alta precisão e mísseis de artilharia), bem como reconhecimento superior fornecido por drones, satélites ocidentais e o sistema de comunicação por satélite Starlink de Elon Musk.

Assim, depois de quase um ano, os sucessos russos ainda se limitam ao estabelecimento da ponte terrestre do sul de Donbass à Crimeia, incluindo a conquista de Melitopol (150 mil habitantes antes da guerra) em março de 2022 e de Mariupol (400 mil) em abril/maio de 2022 Nas últimas semanas, após meses de combates ferozes, as forças russas, lideradas por mercenários do Grupo Wagner, começaram a quebrar a primeira grande linha de defesa ucraniana no Donbass, consistindo nos assentamentos bem fortificados de Soledar (10 mil) e Bakhmut (70 mil).

Em setembro, em resposta à evacuação da região de Kharkov, a Rússia iniciou a mobilização e treinamento de 300.000 forças de reserva. Nas últimas semanas, a Rússia transferiu comboios e mais comboios de equipamento militar pesado para a Bielorrússia e conduziu exercícios militares conjuntos russo-bielorrussos. Nas próximas semanas, é esperado o lançamento de uma ofensiva terrestre e aérea russa em grande escala.

Um ataque russo da Bielorrússia poderia novamente atingir a capital Kiev (três milhões) ou, teoricamente, poderia tentar bloquear rotas vitais de abastecimento da Polônia para a Ucrânia Ocidental. Ataques adicionais podem ocorrer no Donbass em direção a Kramatorsk (150 mil) e Slavyansk (100 mil), no nordeste em direção a Kharkov (1,5 milhões) e no sul em direção a Zaporizhya (700 mil), Kherson (300 mil) e Odessa (um milhão).

No entanto, as forças russas ainda não são grandes o suficiente para sustentar várias frentes ou conquistar cidades grandes e bem defendidas, pois isso exigiria mais de um milhão de soldados. Além disso, ao contrário do início de 2022, a rota norte da Bielorrússia foi fortemente fortificada até agora. Além disso, a Ucrânia completou várias rodadas de mobilização (forçada) e pode muito bem lançar uma contraofensiva no Donbass ou no sul da Ucrânia, cortando a ponte terrestre russa e bloqueando a Crimeia.

No Donbass, é justo dizer que a Rússia é vista principalmente como um "libertador" das forças nacionalistas ucranianas, mas além do Donbass, as simpatias pela Rússia diminuem rapidamente.

Em outubro, em resposta ao ataque ucraniano ou britânico-ucraniano contra a ponte da Crimeia, a Rússia começou a lançar várias ondas de ataques com mísseis e drones contra a infraestrutura de energia ucraniana, visando principalmente subestações, não usinas de energia. Embora a Rússia tente evitar baixas civis, a destruição deliberada de infraestrutura civil deve ser vista como um crime de guerra e ainda não alcançou nenhum resultado militar significativo (veja a discussão abaixo).

Nas últimas semanas, a entrega de sistemas de armas ocidentais adicionais foi anunciada ou discutida. A realidade é que a Ucrânia já possui alguns dos mais poderosos sistemas de armas defensivas, como os modernos mísseis antitanque e

antiaéreos (que impediram a superioridade aérea russa) e artilharia de longo alcance de alta precisão (incluindo o sistema HIMARS/GMLRS).

O sistema de defesa antimísseis americano Patriot falhou contra os mísseis Scud iraquianos e contra os mísseis iemenitas, e lutará contra os mísseis russos. Os tanques de batalha Leopard alemães foram derrotados pelo ISIS durante a invasão turca do norte da Síria em 2016 e não serão de muita utilidade contra as forças russas, a menos que as forças ucranianas sejam capazes de uma guerra de manobra altamente coordenada. Os caças F-16 americanos requerem meses de treinamento e serão abatidos em dias ou horas. Na verdade, tanques e aviões russos também não tiveram muito impacto na Ucrânia.

No nível estratégico, tudo se resume a sistemas de mísseis mais poderosos. O sistema HIMARS/GMLRS com um alcance de 90 km já mudou o jogo para a Ucrânia. A Ucrânia agora receberá "bombas movidas a foguete" HIMARS/GLSDB com um alcance de 150 km, permitindo atingir o norte da Crimeia, todo o Donbass e até posições russas perto da fronteira ucraniana (veja o mapa abaixo). O próximo passo seriam os mísseis balísticos táticos HIMARS/ATACMS com alcance de 300 km, atingindo a maior parte da Crimeia, a ponte da Crimeia e várias cidades russas.

Em dezembro, a Ucrânia já atacou a base aérea russa Engels-2 com drones reaproveitados a uma distância de 700 km. Nas últimas semanas, a Rússia foi vista montando preventivamente sistemas de defesa aérea em Moscou, que fica de 500 a 700 km das fronteiras ucranianas. Além disso, nos últimos meses, uma série de misteriosas operações de sabotagem ocorreram na Rússia, causando vários incêndios e explosões.

Assim, as alegações de que a Ucrânia "não pode vencer esta guerra" ou a Rússia "não pode perder esta guerra" são prematuras e equivocadas. A Rússia perdeu a guerra do Afeganistão na década de 1980, os EUA perderam praticamente todas as guerras desde a Segunda Guerra Mundial e o colapso da União Soviética não causou uma guerra nuclear.

Se a próxima ofensiva russa falhar, o governo de Putin ficará sob enorme pressão e poderá entrar em colapso; se a ofensiva russa for bem-sucedida, a OTAN em algum momento pode tentar criar uma "zona segura" no oeste da Ucrânia, semelhante à situação atual no leste da Síria.

Mesmo altos funcionários russos e assessores do governo, como Sergey Glazyev ("A Rússia não tem uma estratégia na Ucrânia") e Sergey Markov ("os resultados do ano são catastróficos"), reconheceram abertamente que a Rússia manobrou em uma posição muito difícil.

Enquanto a guerra na Ucrânia se transformou em uma guerra por procuração dos EUA/OTAN contra a Rússia, os militares russos também estão tentando usar "forças por procuração" por meio do desdobramento de milícias Donbass e da "companhia militar privada" Wagner (similar à Blackwater nos EUA). O Wagner, por sua vez, recrutou quase 50.000 prisioneiros russos, que, se sobreviverem por seis meses, são perdoados pelo Estado russo.

Em termos de baixas militares, em janeiro de 2023, os militares russos sofreram cerca de 25.000 mortes (12.000 das quais confirmadas pelo nome), incluindo

cerca de 1.500 oficiais e quatro generais. As milícias Donbass perderam pelo menos 5.000 homens e o Wagner perdeu vários milhares de mercenários. Juntos, o número total de mortos no lado russo é de cerca de 35.000, enquanto o número total de mortos e feridos é de cerca de 100.000. Do lado ucraniano, há cerca de 50.000 mortos e cerca de 150.000 mortos e feridos no total. Devido ao uso intenso de artilharia, muitos soldados perderam braços ou pernas.

Em relação às vítimas civis, a Rússia confirmou a morte de cerca de 5.000 civis nas repúblicas de Donbass, incluindo cerca de 3.000 civis na cidade de Mariupol. No total, a ONU estima que até janeiro de 2023, cerca de 7.000 civis foram mortos e 12.000 feridos na Ucrânia. Além disso, já existem cerca de oito milhões de refugiados ucranianos na Europa, incluindo cerca de três milhões na Rússia. O número de vítimas civis ainda é relativamente baixo para um conflito militar de alta intensidade.

Uma guerra prolongada e inconclusiva pode muito bem destruir a Ucrânia, mas também enfraquecerá muito a Rússia e, portanto, é do interesse geoestratégico dos EUA. Os EUA seguiram uma estratégia semelhante durante a guerra Irã-Iraque da década de 1980, que durou oito anos, matou um milhão de pessoas e não conseguiu absolutamente nada. Durante essa guerra, os EUA forneceram armas tanto ao Iraque (incluindo componentes de armas químicas) quanto, secretamente, ao Irã (o escândalo Irã-Contras).

Figura 1: Situação militar na Ucrânia em fevereiro de 2023 (South Front).

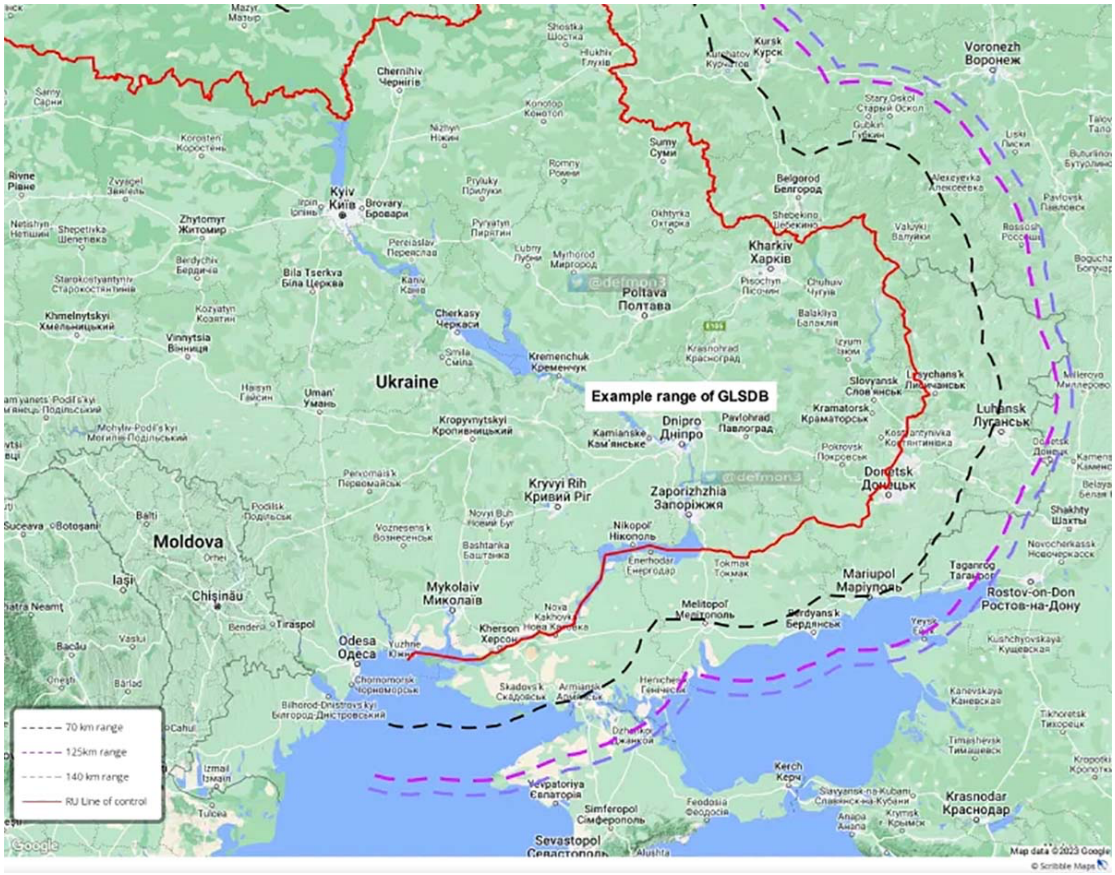

Figura 2: Alcance de 150 km do sistema HIMARS/GLSDB (DefMon).

No entanto, como observou um relatório recente da RAND, essa estratégia falharia no caso de uma "grande escalada", ou seja, o uso de armas nucleares na Ucrânia ou um confronto direto entre a Rússia e a OTAN. É improvável que tal confronto resulte em uma guerra nuclear entre potências nucleares, mas pode levar à destruição de estados não nucleares da OTAN e bases militares dos EUA na Europa (ou seja, a "cabeça de ponte" dos EUA na Europa), à qual os EUA não podem responder sem forçar sua própria destruição nuclear.

GUERRA ENERGÉTICA E GUERRA COMERCIAL

No que diz respeito aos mercados de energia, a estratégia ocidental tem sido reduzir as exportações russas de energia tanto quanto possível e o mais rápido possível, ao mesmo tempo em que afirma falsamente que a Rússia estava usando a energia como "arma". No geral, as exportações russas de energia representam cerca de metade de todas as exportações russas e cerca de um terço do orçamento federal russo.

Já em maio de 2022, a Polônia fechou o gasoduto Yamal e a Ucrânia fechou o gasoduto Soyuz. No início de setembro, a Rússia teve que fechar o gasoduto Nord Stream I, pois as sanções ocidentais impediram o reparo e devolução de diversas turbinas a gás. A Rússia se ofereceu para fornecer gás através do novo gasoduto Nord Stream II, mantido pela própria Rússia, mas no final de setembro os dois gasodutos Nord Stream foram destruídos por uma explosão subaquática – uma

operação de sabotagem que provavelmente foi coordenada pelos Estados Unidos ou pela Grã-Bretanha.

Em dezembro, os países ocidentais impuseram uma proibição de importação e um "limite de preço" ao petróleo bruto transportado por via marítima da Rússia e, em fevereiro de 2023, impuseram sanções adicionais aos produtos petrolíferos refinados russos (por exemplo, diesel). Antes da guerra, cerca de metade de todas as exportações russas de petróleo iam para a Europa, que importava cerca de um quarto de seu petróleo da Rússia.

Devido a um aumento maciço no preço da energia, a Rússia realmente alcançou receitas recordes de exportação de energia em 2022, mas tanto os preços da energia quanto os volumes de exportação russos caíram substancialmente, o que pode representar sérios desafios financeiros para o Estado russo em 2023 e além.

A Rússia tenta contornar as sanções ocidentais aumentando as exportações de petróleo e gás para a Ásia (ou seja, China e Índia) e impulsionando as exportações por meio de canais "cinza" e "preto" que não dependem de logística e seguradoras ocidentais ou que ocultam a origem russa dos embarques de petróleo.

A Rússia continua a fornecer gás à Europa (e à Ucrânia) através dos gasodutos Brotherhood e TurkStream e fornecendo mais gás à Turquia e ao Azerbaijão, que depois o reexportam para a Europa. A Rússia também continua a fornecer petróleo à Europa através do oleoduto Druzhba e via Índia e China.

Recentemente, foi revelado que a Rússia até aumentou o fornecimento de petróleo para a Ucrânia através de uma refinaria russa Lukoil na Bulgária. Essas exportações "secretas" de petróleo russo para a Ucrânia são tão grandes que constituem cerca de um por cento do tamanho de toda a economia búlgara.

Além disso, a Rússia provavelmente aumentará as exportações de gás natural liquefeito para os mercados mundiais. De fato, em dezembro de 2022, a Rússia já era o segundo maior fornecedor de GNL da União Europeia, à frente do Catar e perdendo apenas para os Estados Unidos, que é o principal arquiteto e o principal beneficiário do regime de sanções contra as exportações russas de energia.

Em relação aos produtos de consumo e industriais, várias empresas ocidentais fecharam ou suspenderam suas operações na Rússia em 2022. Em resposta, a Rússia aumentou as importações de produtos ocidentais por meio de países vizinhos, principalmente via Turquia, China, Bielorrússia e Cazaquistão.

No geral, permanece incerto se as sanções ocidentais contra a Rússia serão bem-sucedidas ou se o tiro sairá pela culatra. Mesmo em 2023, prevê-se que a economia da Rússia tenha um desempenho melhor do que muitas economias ocidentais, algumas das quais podem de fato enfrentar uma recessão.

Enquanto isso, os EUA também intensificaram a guerra comercial com a China, restringindo o acesso chinês a microchips ocidentais de ponta e equipamentos de fabricação de microchips. Os EUA também expandirão suas bases militares nas Filipinas e poderão implantar mísseis de médio alcance no Japão.

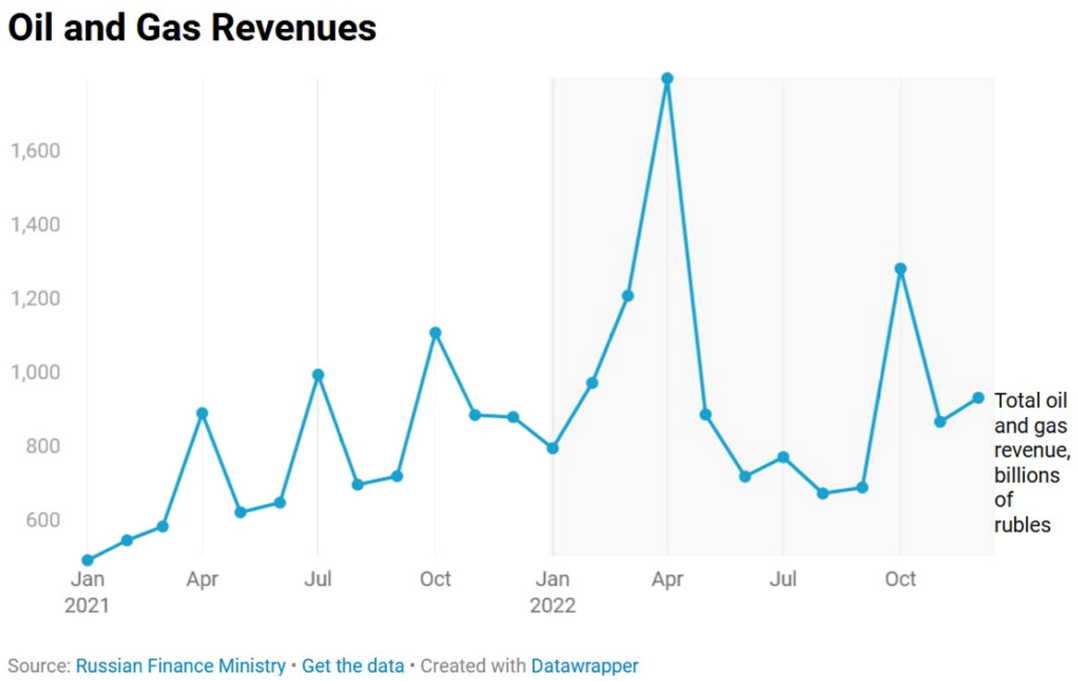

Figura 3: Receitas russas de petróleo e gás em 2021-2022 (Moscow Times).

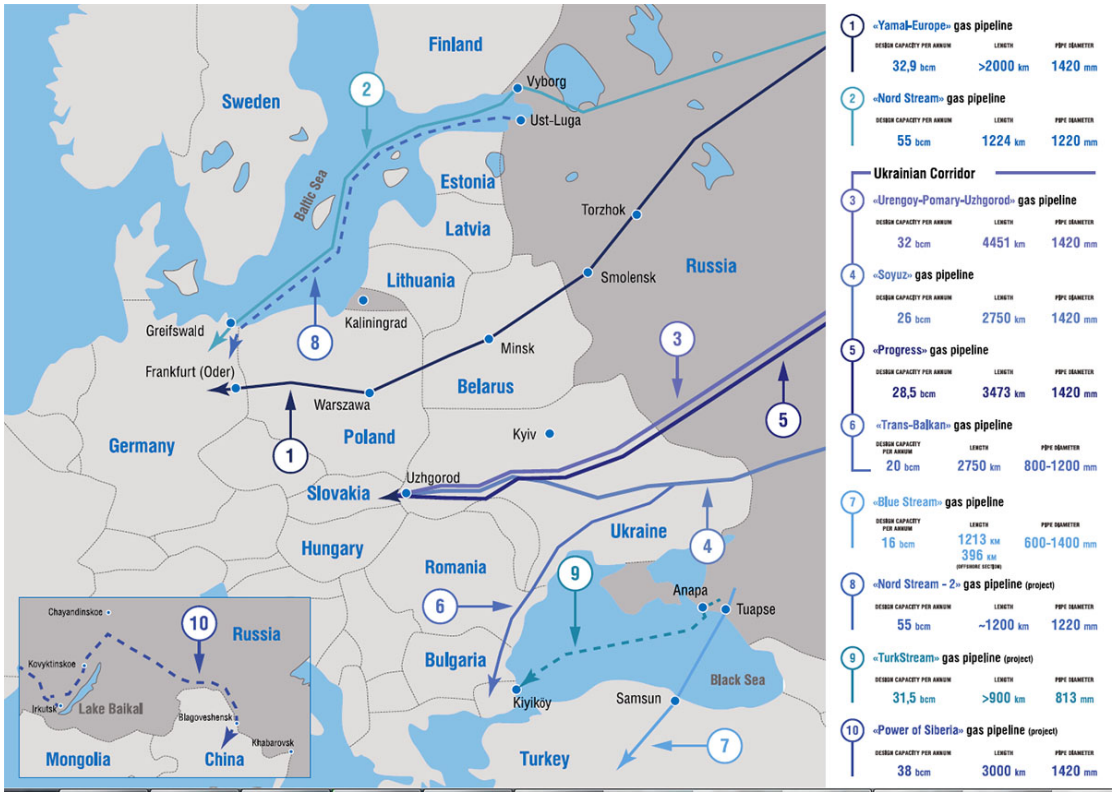

Figura 4: Gasodutos russos (Energy Post/Gazprom, 2018).

O ACORDO DE MINSK

Nos últimos meses, os ex-líderes da Ucrânia (Petro Poroshenko), Alemanha (Angela Merkel) e França (François Hollande) reconheceram que o acordo de

Minsk II de 2015 foi basicamente um estratagema para ganhar tempo, armar a Ucrânia e depois recapturar os territórios do Donbass e possivelmente até a Crimeia. O ex-líder britânico, Boris Johnson, afirmou que o formato Normandia para implementar o acordo de Minsk foi uma "falsificação diplomática".

Alguns apoiadores de Merkel argumentaram que ela estava simplesmente tentando se justificar após o fracasso do Acordo de Minsk, mas para a maioria dos observadores sempre ficou claro que o acordo nunca seria implementado. Apenas as repúblicas de Donbass podem ter se interessado pelo Acordo de Minsk, pois teriam obtido autonomia parcial, embora preferissem a anexação pela Rússia.

Do ponto de vista do presidente russo, Vladimir Putin, que agora afirma ter sido "enganado", o Acordo de Minsk pode ter sido a única maneira de congelar o conflito ucraniano e evitar a necessidade imediata de uma invasão russa em resposta à mudança de regime em Kiev pelos EUA em 2014.

A realidade é que já na década de 1990, após o colapso da União Soviética, os planejadores geoestratégicos dos EUA anunciaram sua intenção de incorporar a Ucrânia à estrutura da UE e da OTAN dentro de cerca de 20 anos. Em 2004/2005, os EUA iniciaram a primeira "revolução colorida" em Kiev (a "Revolução Laranja"), seguida pela mais contundente "Euromaidan" em 2013/2014.

Em 2016, os senadores norte-americanos Graham e McCain visitaram a Ucrânia e prometeram total apoio dos EUA para a recaptura de Donbass e da Crimeia. Em 2020, bombardeiros estratégicos dos EUA participaram de exercícios conjuntos na Ucrânia. Em 2021, a Ucrânia participou de vários exercícios da OTAN e os EUA firmaram uma "parceria estratégica" com a Ucrânia que incluía a "restauração da integridade territorial da Ucrânia".

Em janeiro de 2022, os EUA e a OTAN rejeitaram as propostas russas para uma arquitetura de segurança europeia e, em fevereiro de 2022, começou a invasão russa da Ucrânia.

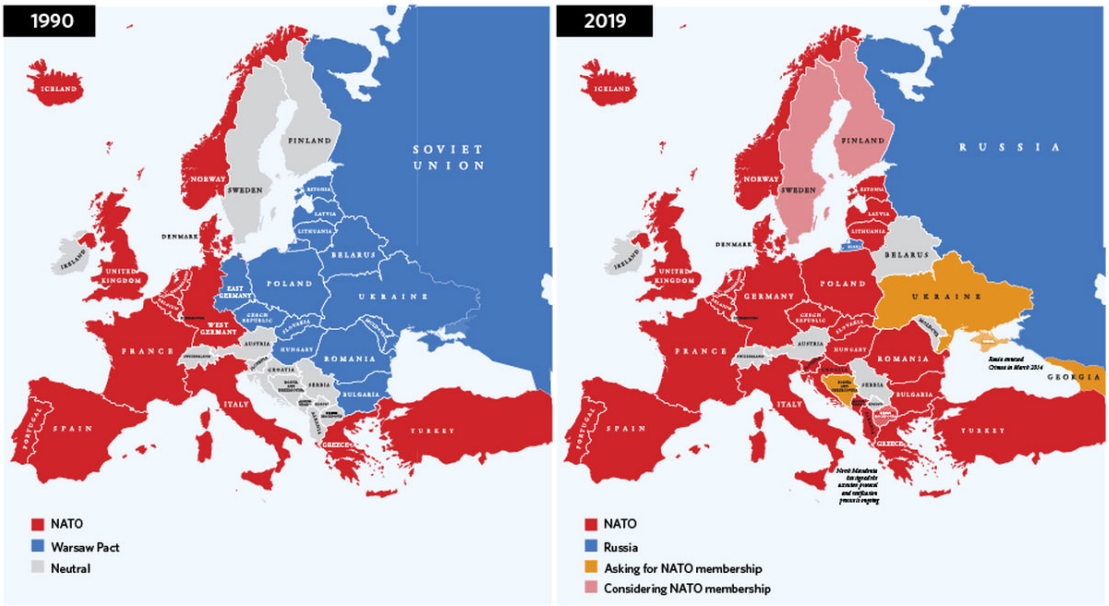

Figura 5: Expansão da OTAN, 1990-1919 (CEIP/RISS).

Na melhor das hipóteses, pode-se argumentar que a Alemanha e a França tentaram congelar ou retardar o conflito, enquanto a Grã-Bretanha e os Estados Unidos tentaram acelerá-lo ou alavancá-lo. A estratégia britânico-americana em relação à Ucrânia só pode realmente ser comparada ao México ou a Cuba entrando em uma aliança militar com a Rússia ou a China, cujo resultado não é muito difícil de imaginar. Foi uma estratégia muito perigosa.

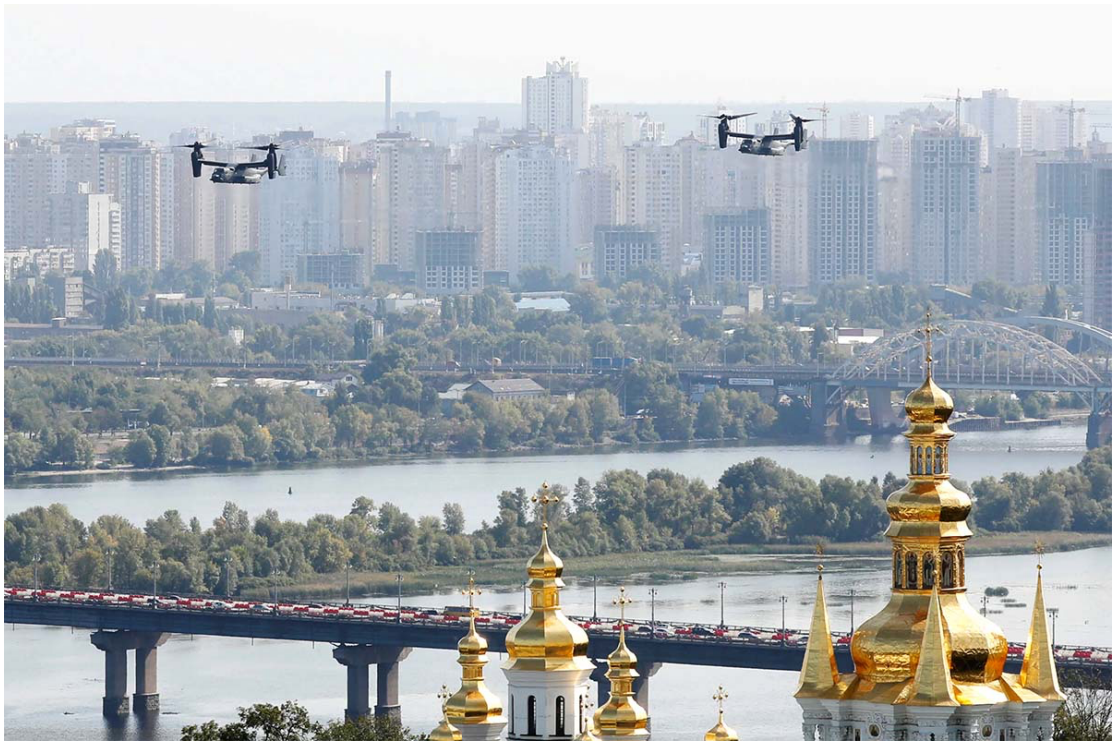

Figura 6: Aeronave americana CV-22 Osprey durante um exercício em Kiev (setembro de 2020).

CRIMES DE GUERRA E PROPAGANDA DE GUERRA

Ao longo do primeiro ano da guerra na Ucrânia, a realidade tem sido que a grande maioria dos crimes de guerra e ataques deliberados contra civis foram cometidos não pelas forças russas invasoras, mas pelas forças ucranianas – incluindo forças paramilitares – lutando contra invasores russos, (supostos) colaboradores ucranianos e separatistas pró-Rússia.

Em contraste, os políticos ocidentais e a mídia ocidental gostariam que as pessoas acreditassem que a maioria das atrocidades foram cometidas pelas forças russas. Para esse fim, a mídia ocidental – guiada pelas três agências de notícias globais, serviços de inteligência ocidentais e várias empresas de relações públicas – tem retratado rotineiramente as ações ucranianas como ações russas; ignorou ou minimizou outras ações ucranianas; e ações russas foram inventadas, distorcidas ou exageradas.

Exemplos de propaganda discutidos anteriormente incluem o bombardeio da maternidade de Mariupol em março; o bombardeio do Teatro Mariupol também em março; o "massacre de Bucha" em abril; o bombardeio da estação ferroviária de Kramatorsk também em abril; o bombardeio do *shopping center* Kremenchuk em junho; o bombardeio do centro de detenção russo em Elenovka em julho; o

bombardeio da usina nuclear de Zaporizhya em agosto; o bombardeio de um "trem de passageiros" perto do Dnipro em agosto; o bombardeio de um comboio de refugiados perto de Zaporizhya em setembro; o uso de escolas pelas forças ucranianas; múltiplos incidentes envolvendo a defesa aérea ucraniana; suposta "tortura" e "estupro em massa" pelas forças russas; e as torturas e execuções reais pelas forças ucranianas.

Desde outubro de 2022, ocorreram mais algumas dessas operações de propaganda:

Em novembro, um míssil de defesa aérea ucraniano atingiu um campo polonês, aparentemente matando dois fazendeiros. Embora os analistas de fontes abertas, com base nas primeiras fotografias, tenham determinado imediatamente que era um míssil de defesa aérea ucraniano, uma fonte de inteligência dos EUA disse à agência de notícias americana *Associated Press* (*AP*), que era um míssil russo. A *AP* compartilhou essa informação globalmente e no dia seguinte, muitos meios de comunicação ocidentais ainda relataram que era um "míssil russo".

Também em novembro, após a evacuação russa de Kherson, a Ucrânia pode ter encenado uma "multidão animada" dando boas-vindas às forças ucranianas. Mais tarde, houve mais uma vez alegações infundadas de supostas "câmaras de tortura russas", enquanto evidências reais de retaliação ucraniana contra supostos "colaboradores" foram amplamente ignoradas pela mídia ocidental.

Em meados de dezembro, durante a visita de um funcionário da ONU a Kherson, o prédio vazio da administração no centro da cidade foi misteriosamente bombardeado. Embora um ataque russo sem sentido não possa ser excluído, isso pode muito bem ter sido uma operação de bandeira falsa ucraniana.

Na véspera de Natal, houve outro bombardeio misterioso no centro da cidade de Kherson. A análise da cratera indicou um ataque do lado russo, mas não havia restos de um míssil ou projétil, nenhuma filmagem de CCTV (*Closed-Circuit Television*) foi divulgada, fotógrafos ocidentais estavam imediatamente no local e a análise de fotos indicou uma possível encenação. Este evento pode ter sido um ataque russo ilegal, uma bandeira falsa ucraniana ou uma operação psicológica ucraniana para culpar a Rússia (similar aos "massacres do mercado" de Sarajevo 30 anos atrás).

Em meados de janeiro, o governo ucraniano e a mídia ocidental relataram que a Rússia ("os açougueiros de Vlad") disparou um míssil contra um prédio de apartamentos na cidade de Dnipro. Mas evidências de vídeo mostraram que o míssil russo foi abatido pela defesa aérea ucraniana, colidiu com o prédio e pode ter desencadeado uma explosão de gás adicional. Isso foi confirmado por um conselheiro presidencial ucraniano, que posteriormente renunciou.

A "maior história não relatada" pela mídia ocidental, no entanto, é o frequente bombardeio de Donetsk e outros assentamentos de Donbass pelas forças ucranianas. Usando a artilharia ocidental (por exemplo, o obuseiro Caesar francês e o HIMARS dos EUA), as forças ucranianas continuam bombardeando áreas residenciais, supermercados, restaurantes, centros juvenis, hospitais, igrejas e outros lugares. Em alguns casos, a mídia ocidental até usou imagens desses ataques ucranianos e culpou as forças russas.

A Human Rights Watch, ONG dos Estados Unidos, confirmou recentemente o uso ilegal de minas PFM-1 pelas forças ucranianas perto de Izyum, mas ainda não comentou sobre o uso mais amplo e mais bem documentado dessas minas antipessoal contra a cidade de Donetsk.

Por outro lado, desde outubro, a Rússia lançou várias ondas de ataques com mísseis e drones contra a infraestrutura de energia ucraniana (principalmente subestações, não usinas). Inicialmente, isso foi uma resposta ao ataque ucraniano contra a ponte da Crimeia, mas o objetivo russo agora parece ser "desenergizar" a Ucrânia e aumentar a pressão política. Independentemente da intenção, a destruição de infraestrutura civil, sem necessidade militar, é um crime de guerra. Na verdade, esses ataques parecem ser o primeiro crime de guerra russo na Ucrânia, sistemático e ordenado do topo. Embora os ataques russos não tenham como alvo direto seres humanos, eles ainda podem causar ou exacerbar uma crise humanitária.

Em dezembro, o *New York Times* publicou uma "investigação visual" de 30 minutos dos eventos em Bucha em março de 2022. Os jornalistas mais uma vez afirmaram que as tropas russas realizaram uma "onda assassina" e cometeram um "massacre", mas suas próprias evidências mostraram o contrário.

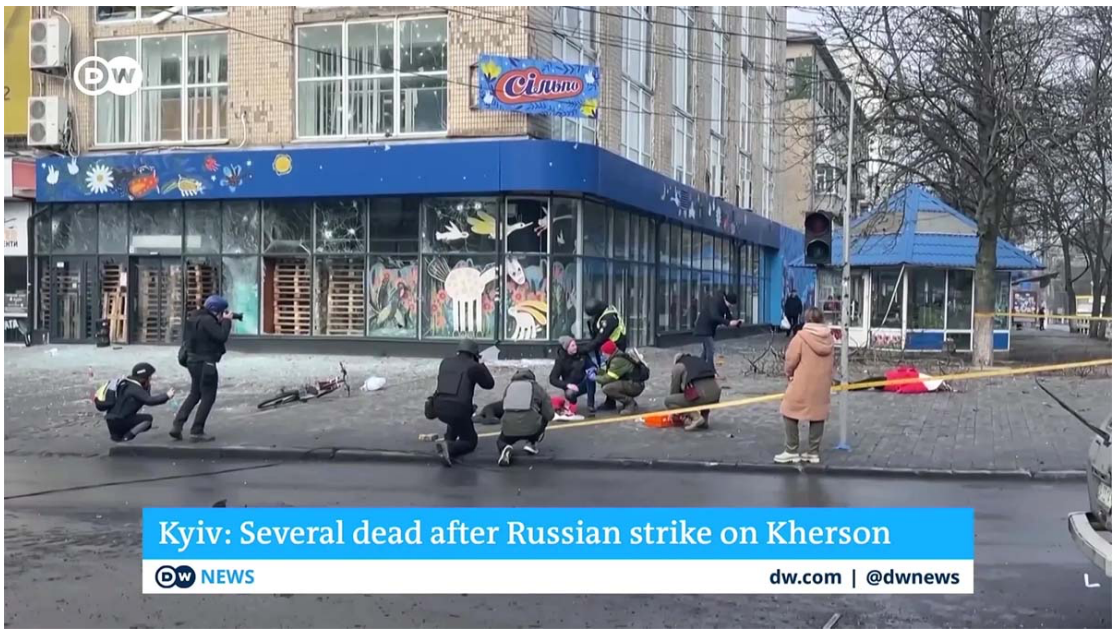

Figura 7: Misterioso bombardeio de Kherson na véspera de Natal de 2022 (DW News).

Figura 8: Bombardeio de Kherson, ataque russo ou PsyOp ucraniana? (ver todas as imagens da AFP).

Civis nas ruas de Bucha foram mortos de duas maneiras: por frequentes bombardeios ucranianos e por fogo russo ao se aproximar inadvertidamente de uma coluna militar russa. As forças russas executaram ilegalmente, sem um julgamento justo, cerca de uma dúzia de elementos das forças de defesa territorial à paisana que estavam armadas ou espionando as tropas russas. Após a retirada russa, um batalhão ucraniano executou cidadãos suspeitos de terem colaborado com as forças russas (por exemplo, usando uma braçadeira branca ou distribuindo ajuda alimentar russa). Os acontecimentos em Bucha certamente foram uma tragédia, mas não um massacre.

Em outubro, o analista norte-americano Ian Bremmer, membro do Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos, declarou o seguinte: "Todos os tipos de atrocidades devem ser condenados. Guerras dos EUA no Iraque, Afeganistão e Vietnã, bombardeios da OTAN na Iugoslávia. Mas nada resiste ao terrorismo de estado do regime de Putin." No entanto, até agora, o caso é exatamente o oposto: a guerra russa na Ucrânia, embora uma grande tragédia, ainda é "mais limpa" do que todas as grandes guerras americanas ou britânicas dos últimos 120 anos.

COBERTURA DA MÍDIA

Em termos de cobertura da guerra na Ucrânia pela imprensa, a mídia ocidental compatível com a OTAN fornece principalmente propaganda e desinformação e muito poucas reportagens factuais. Este já foi o caso durante muitos conflitos e guerras geopolíticas anteriores.

A mídia russa de língua inglesa, como a RT, concentra-se principalmente na contrapropaganda e destaca supostos fracassos e disputas ocidentais ou ucranianos, bem como supostos sucessos russos. Na UE, os meios de comunicação estatais russos foram banidos em 2022.

A mídia independente, algumas das quais estão listadas no SPR Media Navigator, fornece pontos de vista alternativos e desmascara a propaganda ocidental, mas pode se envolver em reportagens pró-Rússia, pensamento positivo ("A Rússia está ganhando desde o primeiro dia") ou contrarianismo.

Os canais e sites de analistas de fontes abertas continuam sendo a melhor maneira de acompanhar a guerra na Ucrânia em tempo real e cortar a propaganda promovida por todos os lados. Vários jornalistas ocidentais que trabalham no Donbass já foram sancionados por governos ocidentais.

Os mecanismos de busca da Internet dos EUA Google, Microsoft Bing e até mesmo DuckDuckGo (que se baseia nos resultados fornecidos pela Microsoft) rebaixaram fontes pró-russas e independentes. Assim, os internautas avançados terão cada vez mais que recorrer a outros motores de busca.

Na Rússia, "divulgar conscientemente informações falsas sobre a guerra" ou "desprezar os militares russos" continua proibido. Em dezembro de 2022, um político municipal russo foi condenado a oito anos e meio de prisão por ter declarado que militares russos cometeram crimes em Bucha.

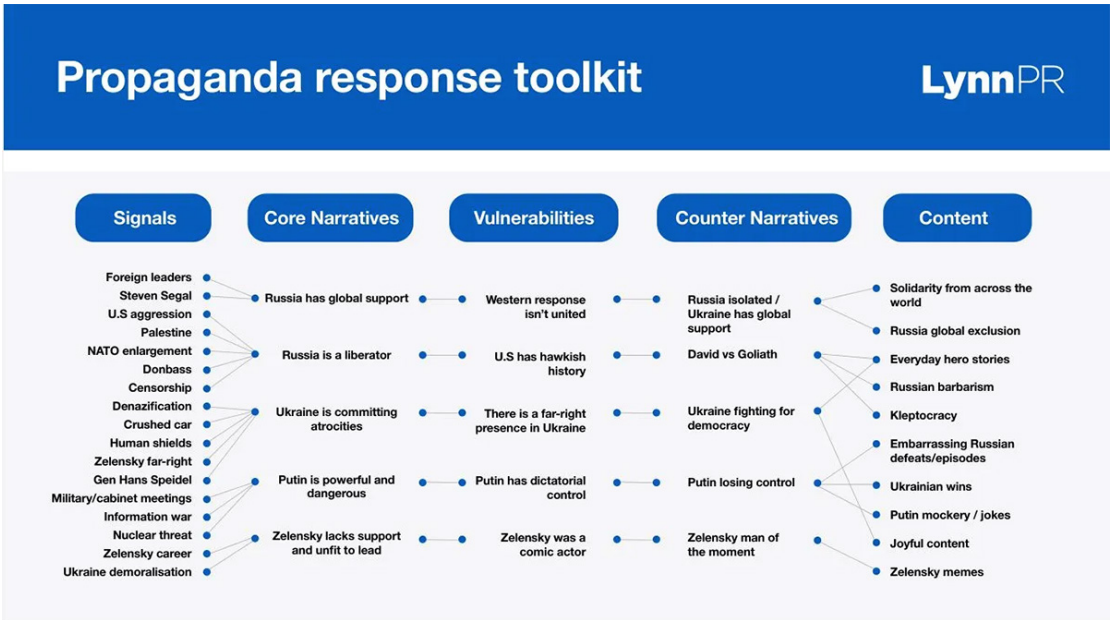

Figura 9: Propaganda ocidental versus propaganda russa (Lynn PR).

CONCLUSÃO

A Guerra da Ucrânia já é uma grande tragédia e provavelmente aumentará ainda mais em 2023. Em caso de derrota russa, é possível um colapso do governo russo ou mesmo da Federação Russa como um todo, como já antecipado por alguns *think tanks* dos EUA.

Em caso de vitória russa, a Rússia provavelmente retornará à sua proposta de dezembro de 2021 para uma nova arquitetura de segurança europeia, incluindo a remoção das forças da OTAN da Europa Oriental, a remoção das armas nucleares dos EUA da Europa Ocidental, a neutralidade das ex-repúblicas soviéticas e o restabelecimento do tratado de mísseis nucleares INF (Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário).

Em relação às guerras energética e comercial, os Estados Unidos provavelmente tentarão jogar o "jogo longo" para enfraquecer a Rússia e a China, mas ainda não está claro se essa estratégia será bem-sucedida. No caso de uma "grande escalada", pode ocorrer uma rápida destruição nuclear das "cabeças de ponte" e "peões" americanos na Eurásia.

Devido às anexações russas e à estratégia de guerra por procuração dos EUA/OTAN, um acordo de paz ucraniano parece muito difícil de ser alcançado neste momento, mas ainda pode ser possível com base em concessões territoriais e uma política externa neutra de uma Ucrânia independente.

Publicado no Swiss Policy Research.

***Swiss Policy Research (SPR)**, fundado em 2016, é um grupo de pesquisa independente, apartidário e sem fins lucrativos que investiga propaganda geopolítica. O SPR é composto por acadêmicos independentes e afirma não receber financiamento externo além de doações.*